

LUI S DE STTAU MONTEIRO

TODOS OS ANOS, PELA PRIMAVERA

teatro



guimarães editores

IC

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

ULFLON 007/11



TODOS OS ANOS,
PELA PRIMAVERA

GUIMARÃES EDITORES
LISBOA

«**TODOS OS ANOS, PELA PRIMAVERA**» é uma peça em dois, cinco, ou vinte actos, segundo a vontade dos espectadores. A ordem dos actos é, também, arbitrária. A seguir-se, porém, a ordem indicada pelo autor, deverão os espectadores escolher, dentre os finais possíveis, aquele que mais lhes convier.

PERSONAGENS

3 CARCEREIROS e 2 AGENTES que inicialmente estão presos à sua condição de agentes e de carcereiros, mas que, no decorrer da peça, vão conhecendo outros regimes prisionais.

1 INDIVÍDUO que é preso todos os anos pela primavera e que daria anos de vida para ser preso, ainda que só uma vez, no inverno.

1 INDIVÍDUO que matou Deus para poder subsistir, mas que o reinventou assim que as circunstâncias se alteraram.

Alguns doidos que assaltam periodicamente as cadeias, umas vezes levados pelo sonho e outras pelo ódio. As datas destes assaltos dão os nomes às ruas e às praças da cidade.

2 CIDADÃOS que iam perdendo o comboio mas que, por fim, sempre conseguiram entrar na cadeia a tempo de ser «libertados» e classificados de «heróis da resistência».

ALGUMAS NOTAS DESNECESSÁRIAS QUE
PODERÃO, TODAVIA, SER ÚTEIS A UM
ENCENADOR NÓRDICO

Ao abrir o pano:

O CHEFE DOS CARCEREIROS tem cinquenta anos. Entrou para o «serviço» por causa da reforma. Já perdeu a esperança da reforma mas também sabe que já é tarde para voltar atrás. Em casa joga à bola com os filhos e pergunta todos os dias à mulher: «tu, que me conheces, julgas-me capaz de fazer mal a uma mosca?» A mulher já lhe pediu vezes sem conta para arranjar outro emprego porque «tem um pressentimento». Sempre que ela fala nesse «pressentimento» ele irrita-se, sai de casa e ou dá longos passeios a pé ou vai até à taberna onde insiste, à viva força, em pagar as bebidas a todos os presentes, conhecidos ou desconhecidos.

O SEGUNDO CARCEREIRO tem trinta anos. Em miúdo apanhava pardais, cegava-os com um alfinete e, depois de os libertar, ia para trás do palheiro da horta masturbar-se. Perseguido por remorsos, chegava a rezar cem Avé-Marias a fio.

Aos vinte e três anos casou e manteve relações sexuais com a mulher durante um mês. Nunca mais lhe tocou. Actualmente ou lhe bate ou lhe pede perdão «pelo grande mal que lhe fez».

O TERCEIRO CARCEREIRO tem vinte e oito anos.

Foi o melhor aluno da escola primária da aldeia. Seu pai, sargento reformado e legítimo proprietário de dez medalhas de bom comportamento, obteve-lhe o emprego por intermédio dum major a quem manda todos os anos, pelo Natal, um peru, dois garrafões de «vinho da terra» e uma saca de batatas. Nunca bateu num preso, mas receia que essa sua fraqueza provoque a desconfiança dos colegas. É por isso que grita tanto. Conhece o proprietário dum fábrica de bolachas que teve um filho preso — a vida está cheia de «contradições» — e anda a estudar dactilografia para «dar outro rumo à vida». Lê, às escondidas, livros de divulgação cultural.

O CHEFE DOS AGENTES tem trinta e sete anos.

Esteve num seminário — o que é sempre uma boa apresentação — onde decorou vários e úteis argumentos contra várias correntes doutrinárias que não chegou a estudar. Sabe que esta e aquela doutrina são más e até sabe porquê, mas não sabe em que consistem. Adquiriu também no seminário, entre outros vícios, e além do ar seráfico que o caracteriza, uma forte tendência para o pecado da gula. É ao mesmo seminário

que deve a facilidade com que se adaptou à sua nova carreira — discípulo de peixe sabe nadar — e uma elasticidade escolástica que lhe permite crer, com toda a sinceridade, que «por vezes é duro, é certo, mas para bem das vítimas».

Se tivesse vivido no século XVII teria prosseguido na carreira eclesiástica para maior glória de Deus e do Tribunal da Santa Inquisição.

O PRIMEIRO PRESO tem quarenta e dois anos e seria mestre escola se concordasse com a versão oficial dos acontecimentos que tiveram lugar em 1360. Acontece, porém, que deixou de acreditar em versões oficiais o que muito prejudica tanto a sua saúde como a estabilidade do seu lar. No ficheiro das autoridades está classificado como «indivíduo perigoso que recebe dinheiro de potências estrangeiras para provocar a confusão nos espíritos e alterar as sãs instituições que presidem aos destinos da nação desde 1360».

O SEGUNDO PRESO tem cinquenta anos e começou por não odiar ninguém. Segundo um provérbio chinês, «o homem não sonha em fazer mal ao tigre, é o tigre que sonha em devorar o homem». É claro que, por fim, o homem tem que se defender do tigre e acaba, mesmo, por adquirir muitas das suas características.

1.° ACTO

O pano abre e a cena permanece, de entrada, inteiramente às escuras. Segundos depois ouve-se a voz dum locutor da rádio lendo um texto que tanto pode ser duma nota oficiosa como dum discurso político. A voz é lenta, impessoal, quase mecânica. Dir-se-ia que o locutor leu milhares de textos semelhantes no decorrer da vida sem nunca prestar atenção ao conteúdo dos mesmos.

VOZ DO LOCUTOR — ...tão grande tem sido o esforço desenvolvido pelo governo para reforçar as velhas estruturas sociais. Quando um dia se escrever a história do nosso tempo — a verdadeira história, objectiva e liberta de paixões humanas — far-se-á justiça aos homens que presidiram aos destinos da nação nesta hora trágica em que a loucura parece ter-se apossado dos povos. Então e só então se dará o devido valor ao esforço que o governo vem desenvolvendo para colocar a dignidade humana no topo da sua escala de valores. O homem, feito por Deus à sua imagem e semelhança...

A voz do locutor é cortada abruptamente pela voz concreta e real do terceiro carcereiro. Surge,

súbitamente iluminado, o palco, ocupado em parte por uma jaula enorme que contém, ao centro e atrás, uma outra jaula menor. Esta última, de dimensões reduzidas, permanece por iluminar. Ainda que se possa prescindir da quarta parede da jaula grande — que, mesmo assim, terá de estar indicada, pelo menos nas extremidades — a jaula pequena é uma autêntica jaula, com as quatro paredes apenas cortadas por uma porta pequena, à frente, com um postigo, virada para os espectadores. A jaula maior tem, à esquerda, uma porta de aparência pesada, com um ferrolho desmedido. Em torno da jaula menor estão dispostos os seguintes móveis e objectos: uma secretária velha sobre a qual está um aparelho de rádio, de modelo antigo e um calendário comercial com um desenho duma mulher quase nua; dois bancos corridos onde se podem sentar seis homens. O conjunto ds duas jaulas deve formar uma unidade, um bloco visualmente inseparável, e talvez haja vantagem em isolar este bloco do resto do palco, pelo menos num teatro de palco à italiana, rodeando-o de árvores francamente estilizadas ou de quaisquer outros elementos decorativos. Para a montagem num teatro «en ronde» ou de proscénio, estes elementos são dispensáveis, já que o isolamento do bloco formado pelas duas jaulas é garantido pela própria montagem.

TERCEIRO CARCEREIRO — Desliga lá isso, pá! Bem nos basta estar aqui metidos... ainda os queres ouvir, não?

(O chefe dos carcereiros muda de posto e passa a ouvir-se, muito baixinho, música rítmica de dança. O segundo carcereiro levanta-se e boceja).

SEGUNDO CARCEREIRO — Lá estás tu aos berros... *(Espreguiça-se)* Acordaste-me. Passei pelas brasas e tive um sonho que nem te digo nada...

TERCEIRO CARCEREIRO *(Rindo-se)* — Nem precisas de dizer! Já sabemos com que sonhaste!

SEGUNDO CARCEREIRO *(Irritado)* — Ah sim? Sabes? Então diz lá, vá, já que és tão esperto: que é que eu sonhei?

(Os outros dois carcereiros riem-se).

TERCEIRO CARCEREIRO *(Como quem conta uma história já ouvida mil vezes)* Sonhaste que estavas deitado e que de repente, entraram no teu quarto cinco mulheres nuas. Começaram a rir-se e tu perdeste a cabeça. Levantaste-te e...

SEGUNDO CARCEREIRO *(Irritado, interrompendo)* — Não foi nada disso, vês? Tens a mania de que sabes tudo e afinal não sabes nada. *(Pausa)* Sonhei que tinha comprado um cavalo branco e que an-

dava a cavalo, nu, pelas praias. As mulheres, mal me viam, vinham todas a correr, mas o meu cavalo largava a galopar e espezinhava-as todas... (*Fala em êxtase*) A praia ficava cheia de sangue. Depois, vinham as ondas do mar, muito brancas, tão brancas como a renda que a minha mãe fazia quando eu era miúdo, e lavavam a praia toda. Só queria que vocês vissem...

CHEFE DOS CARCEREIROS (*Rindo-se*) — Este gajo ainda acaba mal...

SEGUNDO CARCEREIRO (*Furioso*) — Porquê? Porquê? Porque é que eu ainda acabo mal? Diz lá, vá: porque é que eu ainda acabo mal? Porque não sou como vocês? Porque sou uma pessoa decente, anh? Decente e limpa?

CHEFE DOS CARCEREIROS (*Pondo termo à discussão*) — Pronto, acabou-se! Não quero discussões aqui dentro!

SEGUNDO CARCEREIRO (*Dominando-se*) — Que culpa tenho eu de sonhar sempre com mulheres? Quem não é normal são vocês não sou eu... (*Pausa*) Raios os partam...

CHEFE DOS CARCEREIROS (*Consultando o relógio*) — Daqui a pouco o telefone começa a tocar. Quantos virão hoje?

TERCEIRO CARCEREIRO — Quatro!

SEGUNDO CARCEREIRO — Cinco!

CHEFE DOS CARCEREIROS — Não, hoje não vêm mais de três. Vamos à aposta do costume?

SEGUNDO CARCEREIRO — Quem é que ganhou ontem?

CHEFE DOS CARCEREIROS — Fui eu.

SEGUNDO CARCEREIRO — Era capaz de jurar que fui eu...

CHEFE DOS CARCEREIROS — Não vale a pena discutirmos. As apostas estão todas assentes aqui.

(Abre a gaveta da secretária e tira uma folha de papel que põe à vista de todos. O segundo e o terceiro carcereiros aproximam-se tiram dos bolsos os papéis em que apontaram as apostas e conferem com a folha do chefe. Entram pela porta do fundo dois indivíduos que tanto pelo porte como pelo vestuário se adivinham logo serem polícias à paisana. Ambos avançam em direcção do palco, um pela coxia lateral e o outro pela coxia central. O mais velho, a meio da plateia, aponta para um espectador que usa óculos de aros muito grossos e o outro detém-se examinando-o).

CHEFE DOS AGENTES — É ele mesmo. Vamos a isto.

(Os dois agentes avançam em direcção ao especta-